
A defesa dos agrotóxicos na Record TV: Uma análise do Câmera Record e Repórter Record Investigação¹

Ana Cristina Hoffmann Azeredo²

Roberto Villar Belmonte³

Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter, Porto Alegre, RS

Resumo

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso abordando o tema agrotóxico em grandes reportagens na Record TV. Como corpus, este artigo apresenta unidades de registro destacadas do bloco 1 e 2 do Câmera Record, e apenas bloco 1 do Repórter Record Investigação. As edições foram exibidas em fevereiro e julho de 2018. A partir dos conceitos de agriculturas, telejornalismo e de jornalismo ambiental, evidenciou-se como a emissora apresentou o assunto agrotóxico em suas grandes reportagens. Também é apontado de que forma o repórter repassa as informações ao telespectador. Os programas estudados recomendaram o uso correto dos venenos e omitiram a existência de práticas agroecológicas.

Palavras-chave Agriculturas. Telejornalismo. Jornalismo Ambiental.

Introdução

Esse trabalho é uma análise que busca identificar como a Record TV em suas grandes reportagens, apresentadas no Câmera Record e Repórter Record Investigação, apresenta os agrotóxicos. O objetivo desse artigo é apresentar os resultados dessa pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso, no segundo semestre de 2018, por ser um assunto discutido nacionalmente em tramitações de leis no congresso, por ser um dos países líderes no consumo de agrotóxicos e também por registrar um alto índice de intoxicação, sendo assim um tema de interesse público.

Como o tema contaminação por agrotóxicos faz parte da cobertura especializada em temas ambientais, buscou-se referencial teórico sobre o jornalismo ambiental que, conforme Fanzeres (2004), visa ampliar o conhecimento do público, esclarecer questões e alertar a população sobre as atitudes tomadas até então em relação ao meio ambiente. Também são apresentados conceitos de telejornalismo em grandes reportagens e modelos de agricultura com e sem agrotóxicos.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduada em jornalismo pela UniRitter em 2018/2. E-mail: ana.hoffmann83@gmail.com .

³ Professor orientador na UniRitter e doutorando no PPGCOM/UFRGS. E-mail: rvillar21@gmail.com .

O programa Câmera Record utilizou na reportagem “Agrotóxico o Perigo Invisível” um falseamento da realidade. De maneira sensacionalista, procurou levar o telespectador a um pensamento contrário do que foi proposto inicialmente pela abertura da matéria. Sem apresentar alternativas agroecológicas, a reportagem reforçou a posição da indústria ao defender o uso correto dos agrotóxicos.

Agriculturas

Para melhor compreensão sobre o que são os agrotóxicos, por que são utilizados e quais os efeitos desses agroquímicos, é necessário entender quando começou o uso deste produto no Brasil. Segundo Peres (2003), foi na década de 1950 que iniciou a chamada ‘revolução verde’ no Brasil. Desde então ocorrem modificações na forma de trabalho e no ambiente.

Desde a década de 50, quando se iniciou a chamada ‘revolução verde’, foram observadas profundas mudanças no processo tradicional de trabalho agrícola, bem como em seus impactos sobre o ambiente e a saúde humana. Novas tecnologias, muitas delas baseadas no uso extensivo de agentes químicos, foram disponibilizadas para o controle de doenças, aumento da produtividade e proteção contra insetos e outras pragas. (PERES, 2003, p. 30).

Estes produtos citados acima pelo autor – pesticida, inseticida, herbicida – oferecem os mais diversos problemas à saúde humana quando utilizados em grande escala. De acordo com Lopes e Almeida Júnior (2010), o controle malfeito da entrada de produtos ilegais no Brasil tem piorado os níveis de intoxicação por agrotóxicos. Ainda segundo os mesmos autores, a sociedade de forma geral está exposta ao agrotóxico seja o consumidor ou trabalhador rural. Mesmo com as bulas e receituário os danos do veneno ainda passam despercebidos. Os autores ainda alertam que qualificações para o uso deste químico são escassas, desta forma expondo a sociedade com maior ênfase os agricultores que lidam diretamente com o produto químico, ocasionando diversas reações ao corpo humano e aos ecossistemas.

Além da falta de preparação que os agricultores necessariamente precisam descritas por Lopes e Almeida Júnior (2010), segundo estudo da Associação Brasileira de Saúde Coletiva – ABRASCO (2015), o Brasil tem um limite maior de concentração de agrotóxicos, equivalente a 5 mil vezes superior ao limite da União Europeia. O estudo da ABRASCO (2015) ainda afirma que no Brasil são utilizados 30% dos 504 produtos que já foram banidos também na União Europeia, local de origem destes

agrotóxicos. No Brasil, esses agroquímicos também possuem alguns privilégios como isenções tributárias garantidas pelo governo brasileiro já há algumas décadas (COSTA; LOBATTO; RIZZOTTO, 2018).

Para compreender melhor a agricultura alternativa é preciso entender os motivos que levaram esse modelo de cultivo ser pensado. Segundo a Embrapa (2014), a Agroecologia surgiu nas últimas décadas do século XX no Brasil.

Na década de 1980 e 1990, no Brasil, profissionais e estudantes de Ciências Agrárias, especialmente aqueles que estavam profundamente preocupados com os impactos ambientais da adoção massiva do Pacote Tecnológico da Revolução Verde refletiam sobre o que, na época, chamávamos de Agricultura Alternativa. (EMBRAPA, 2014).

A Agroecologia não é oriunda da mesma lógica da agricultura convencional industrial. A cultura estabelecida neste tipo de cultivo é a preocupação com a natureza. Tendo um olhar diferente da agricultura industrial, onde são utilizados produtos causadores de impactos ambientais. Nesse modelo de produção são atribuídos outros valores e a terra é considerada como organismo vivo. A agroecologia tem como parâmetro de pensamento que a economia deve ser submetida à ecologia e não vice-versa como prega a visão neoliberal (PAIVA, 2018). Com o mesmo pensamento, Cavalcanti (2004) afirma que a economia e a ecologia não andam lado a lado, havendo dessa forma uma problemática a ser discutida. “O problema é que as prioridades econômicas atropelam invariavelmente considerações de ordem ecológica” (CAVALCANTI, 2004, p. 153).

As questões da agroecologia estão longe de ser vistas com o mesmo olhar do modelo convencional. Tanto é assim que nas instâncias governamentais existe a atuação de uma bancada ruralista que se encarrega de defender todos os interesses do agronegócio, os legítimos e os ilegítimos. Por exemplo, a flexibilização da legislação para utilização dos agrotóxicos e a facilitação do comércio destes produtos.

Telejornalismo

Repensando as escolhas do público e preferências por alguns assuntos e não por outros, o telejornalismo é reformulado todos os dias. De acordo com Araújo (2017), é possível compreender um pouco mais sobre onde começam as escolhas dos assuntos para a formação diária do telejornal. Uma vez que o interesse para a realização ou não de determinada pauta passa por fatores substanciais de escolha como, por exemplo, o interesse governamental e claramente os interesses econômicos da emissora (ARAÚJO,

2017). Sabendo da força que o transmissor possui, é possível compreender que ainda existe o poder de influência das grandes mídias sobre a opinião pública. “Portanto, temos que considerar que a reportagem televisiva (assim como a de outros veículos de comunicação), tem o potencial de exercer forte influência na opinião pública” (ARAÚJO, 2017, p. 180).

Para isso é necessário que o repórter tenha conhecimento da prática e atuação da atividade exercida dentro do jornalismo. De acordo com Lage (2005), dentro de todos os cargos cabíveis para atuação do jornalista, a função de repórter é que carrega a maior importância no jornalismo, por estar envolvido diretamente com os entrevistados e com a notícia. A informação circula através da atividade jornalística, traduzindo da forma mais simples para que todos venham a compreender a informação. Desta forma, o público já tendo sido esclarecido do fato, pode realizar as suas escolhas e decisões e também julgamentos caso isso seja do seu interesse.

Um dos formatos do telejornalismo é a grande reportagem. Segundo Santos e Santos (2017), a natureza da grande reportagem é evidenciar de forma mais profunda um tema. De acordo com as autoras, a grande reportagem é composta por passagens⁴ de repórteres, sonoras⁵, off’s⁶ entre outros elementos para a formação de uma reportagem especial, como infográficos, criações visuais e trilhas. Elas geralmente têm uma duração diferenciada, variando de veículo, mas a média é de cerca de 40 minutos, o que mostra bem a diferença da reportagem do telejornal diário que tem matérias bem mais compactas (SANTOS; SANTOS, 2017).

A construção da grande reportagem, segundo Delg’Iespoti (2009), é marcada pela atuação do narrador na construção dos off’s e nas cenas selecionadas para construir a reportagem especial. O repórter durante a cobertura tem a experiência de conviver com as fontes e dessa forma trazer de forma mais real a história para o telespectador. Sendo assim, é possível compreender que o repórter torna-se um agente da informação, replicando a experiência com as suas marcas. O autor define esse momento como algo diferenciado no jornalismo. “É um mergulho nos mistérios do mundo por meio da reportagem” (DEGL’IESPOTI, 2009, p. 181).

⁴ É a gravação feita pelo repórter no local do acontecimento. É o momento em que o repórter aparece na matéria para destacar um aspecto do conteúdo a ser exibido.

⁵ É a fala do entrevistado na matéria.

⁶ É o texto que o repórter fala enquanto aparece as imagens.

Jornalismo ambiental

O jornalismo ambiental se distingue do jornalismo científico e isso começou a acontecer no Brasil no final dos anos 1980 (BELMONTE, 2015). A editoria de ambiental visa tratar da realidade socioambiental. Segundo Fanzeres (2004), a sociedade e os veículos de comunicação vêm permitindo essa separação e distinção. O jornalismo ambiental é a especialização que visa ampliar o conhecimento do público e esclarecer questões e alertar a população sobre as atitudes tomadas até então em relação ao meio ambiente. “O jornalismo ambiental luta diariamente pela ampliação do grau de conhecimento do público sobre questões que interferem direta ou indiretamente na sua vida, na sua sobrevivência” (FANZERES, 2004, p. 26).

De acordo com Bueno (2015), o intuito de informar e cumprir o compromisso social do jornalismo necessita de uma nova perspectiva de informação. Desta forma abordando com urgência uma nova maneira de construir notícias, com coerência e comprometimento que o jornalismo exerce e a função social que esta editoria e temas ambientais enfrentam. “O jornalismo ambiental não se dedica ao factual, mas sim traça panoramas e analisa de maneira profunda cada elemento do todo, desvendando suas amarrações e dependência” (BUENO, 2015, p. 89). Partindo do pressuposto que o jornalismo ambiental está intimamente ligado com o agir sustentável e a com a reflexão do público, os assuntos pautados por essa editoria são os correlacionados ao meio que está sendo alvo de degradações. Essa especialização do jornalismo busca a conscientização humana em relação aos problemas e soluções ambientais.

A reportagem

O Câmera Record é um programa jornalístico e foi criado em 11 de janeiro de 2008. Com uma hora de duração, apresentado por Marcos Hummel, semanalmente aos domingos às 23h. Com enfoque em denúncias e investigações, o Câmera Record traz grandes reportagens produzidas pelas equipes de reportagem da Record TV de todo Brasil, e correspondentes internacionais. Segundo a sinopse do programa, disponível no site oficial, as pautas abordadas são de assuntos de interesse da população em geral,

trazendo ao público temas como viagens, finanças, curiosidades e temas nunca abordados antes na televisão.

Já o Repórter Record Investigação teve sua estreia na década de 90, com uma hora de duração era apresentado semanalmente, por Domingos Meirelles, todas as quintas-feiras, às 23h30, porém foi substituído em 2018 pelo programa do Porchat. Em 2019, a programação voltou a fazer parte da grade da Record TV, com pouco mais de uma hora e meia de duração, todas as segundas-feiras, às 22h30. Também é um programa jornalístico de grandes reportagens, segundo a sinopse, disponível no site oficial. O programa tem como proposta temas polêmicos e denúncias exclusivas.

A grande reportagem do Câmera Record analisada neste artigo foi exibida em fevereiro de 2018 e a do Repórter Record Investigação, a qual foi uma cópia idêntica do primeiro programa, foi exibido em julho 2018. O programa foi indicando o produto químico como o grande culpado, e de forma minuciosa trazendo a ideia para os telespectadores que o grande problema não era o agrotóxico, mas seu uso errado.

Durante a análise de conteúdo foi possível perceber off's, captações de sonoras e imagens de forma insinuante do começo ao fim do bloco 1 (49 minutos e 45 segundos) e bloco 2 (11 minutos e 41 segundos). Do começo até o fim do bloco 1 a reportagem mostrou os malefícios de uma vida em contato com o veneno, em contrapartida insinuava o culpado para os riscos da falta de uso de proteção para o manejo correto do agrotóxico em imagens fortes. Essa pesquisa analisou os textos utilizados pelo repórter e apresentador, além da fala das fontes, para retratar as duas grandes reportagens. Para isso, foram criadas duas categorias: o problema é o agrotóxico; e o problema é o uso errado do agrotóxico.

O problema é o agrotóxico

Nesta categoria verifica-se que, em alguns trechos das reportagens do Câmera Record, apresentador, repórter e fontes entrevistadas, no bloco 1 e no bloco 2, indicam que o agrotóxico é um problema. O número de trechos destacados na primeira análise, que inclui os blocos 1 e 2 deste programa são 56, porém, foram escolhidos 11 trechos com o objetivo de compreender em quais momentos e por meio de quais elementos há recorrência e/ou repetição de uma mesma ideia, que mostre o agrotóxico visto como um problema, tanto no bloco 1 quanto no 2.

Quadro1 : Unidades de registro da categoria O agrotóxico é o problema

Fonte especializada oncologista Nivaldo Kiister – Sim! Pode levar através a queda da imunidade que o agrotóxico produz. Ele talvez não seja o indutor direto mas é um consequência de outras doenças que antevêm ao próprio câncer . (B1_C1_T1_10'52'')
Passagem do Repórter Rogério : A gente está chegando na casa de mais uma vítima de câncer , aqui na região serrana do Espírito Santo, é uma mulher de cinquenta e um anos. (B1_C1_T1_20'15'')
Anthony Wong toxicologista do hospital das clinicas SP : Pode alterar o fígado de tal maneira provocar uma morte imediata do fígado a qual chamada hepatite fulminante. B1_C1_T1_43'28'')
Off do repórter: ela liga o motor, se senta no chão. E sai com o peso da bomba nas costas. Leva pelo menos três horas para pulverizar a plantação e sem usar qualquer tipo de proteção . (B1_C2_T2_13'15'')
Off do Repórter: A mãe de Verônica e Valdemiro também teve câncer e morreu a onze anos. Mesmo assim os outros irmãos não tem medo do agrotóxico. (B1_C1_T1_16'05'')
Adriana Rogge- sobrinha de Valdemiro: Tem muito vizinho que já morreu . Se você escutar a ele teve câncer. Fulano morreu ah teve câncer. A maioria é câncer. (B1_C1_T1_16'46'')
Off do repórter: Sinval foi diagnosticado com hepatite tóxica uma inflamação causada pela exposição aos produtos químicos . (B1_C1_T1_43'17'')
Sinval: Na época entre os exames feitos foi o exame de espermograma para ver a esterilidade da pessoa. Acho que todos que fizeram todos eles não gerava mais filhos , inclusive eu. (B1_C1_T1_43'40'')
Davirse- viúva: Os médico “fala” isso ai é o veneno . O cardiologista o médico que tratou dele isso dai foi muito agressivo . (B1_C1_T1_36'14'')
Passagem do repórter: A poucos metros da casa de dona Verônica mora o irmão dela seu Valdemiro que também teve câncer . Os dois cresceram trabalhando na lavoura e agora os dois enfrentam a mesma doença. Seu Valdemiro teve que abandonar o trabalho na roça após descobrir o tumor na próstata. (B1_C1_T1_15'26'')
Off do repórter: Aos quarenta e cinco anos, Everaldo parece sentir os efeitos de uma vida dedicada a lavoura. (B1_C1_T1_10'12'')

Fonte: Dados da pesquisa

Percebe-se em todas as unidades de registro destacadas acima a confirmação da hipótese sugerida pelo programa, que o agrotóxico é um causador de câncer como no trecho (B1_C1_T1_15'26''). Este produto químico também é responsável, de acordo com as análises das unidades de registro, por ocasionar outros danos à saúde dessas vítimas. A grande reportagem do Câmera Record evidenciou danos como magreza excessiva, fraqueza e agressividade, entre outros efeitos gerais, enfrentados pelos ex-lavradores, os quais os impedem até de continuar exercendo suas funções na lavoura, o que representa um prejuízo para a própria vida e subsistência. Através desta análise fica claro que os efeitos dos produtos tóxicos para a vida desses trabalhadores rurais foram quase fatais (B1_C1_T1_10'12''). Mais adiante o programa mostra o agrotóxico como sendo responsável pelo desenvolvimento de doenças crônicas, responsáveis por consequências graves na vida dessas vítimas (B1_C1_T1_43'17'').

Como pode ser visto nas unidades de registro (B1_C1_T1_43'40'') a reportagem novamente destaca os problemas acarretados pelo agrotóxico na vida dessas pessoas. Alguns desses problemas são disfunções de tireoide, doenças crônicas, infertilidade, necessidade de reposição hormonal e de ingestão de remédios para vida toda, o que fortalece para o telespectador a visão do vilão que o agrotóxico se tornou. E

nestas unidades de registro (B1_C1_T1_16'05'' e B1_C1_T1_16'46'') fica claro como a reportagem indica que essas substâncias também têm como consequência o óbito de trabalhadores rurais. Compreende-se que a reportagem evidencia que o agrotóxico coloca a vida do ser humano em risco. O programa mostra com muita clareza que muitos já morreram por ter contato direto com o produto químico. As unidades de registro identificadas evidenciam ao telespectador como o contato com o agrotóxico é perigoso e que isso não é segredo para ninguém, o que sugere uma intenção de impressionar o público.

Os especialistas da área da saúde embasam a ideia, na tentativa de ressaltar ao telespectador que o agrotóxico é um problema. Mais uma vez é percebido o alerta dos especialistas nestas unidades de registro (B1_C1_T1_10'52''), (B1_C1_T1_43'28'') e (B1_C1_T1_20'15''), afirmando que o contato com o agrotóxico pode levar a depressão, a severa intoxicação, a paralisia dos órgãos. Pela análise realizada nas unidades de registro ficou claro a tentativa de impressionar o telespectador com a forma que o agrotóxico atingiu a vida dessas pessoas. Esclarecendo para público que o agrotóxico é um agente causador de problemas. Sendo assim novamente o telespectador consegue identificar o agrotóxico como um vilão na vida destas vítimas.

O problema é o uso (errado) do agrotóxico

De acordo com os registros selecionados a partir da decupagem das reportagens, verifica-se que, em alguns trechos das reportagens do programa Câmera Record, apresentador, repórter e fontes entrevistadas, no bloco 1 e no bloco 2, indicam que o agrotóxico não é o problema, o foco dessa vez é identificar que o problema é o modo como o agrotóxico é usado. O número de trechos destacados nesta categoria, que inclui os blocos 1 e 2 deste programa, são 40, porém, foram escolhidos dez trechos com objetivo de compreender em quais momentos e por meio de quais elementos há recorrência e/ou repetição de uma mesma ideia, que mostre quando que o problema é o uso errado do agrotóxico, tanto no bloco 1 quanto no 2.

Quadro2 : Unidades de registro da categoria o problema é o uso errado do agrotóxico

Off do repórter: ela liga o motor, se senta no chão. E sai com o peso da bomba nas costas. Leva pelo menos três horas para pulverizar a plantação e sem usar qualquer tipo de proteção. (B1_C2_T2_13'15'')

Off do repórter: Descalça caminha até a plantação do outro lado do sitio. Hoje também é dia de colher a couve flor. Ela enche quarenta caixas com as verduras. Cada um oito com peça é vendida por apenas
--

cinco reais. (B1_C2_T2_06'43'')
Irmão de Verônica e Valdemiro: eu não uso nada , assim, desse jeito... Boto a boba nas costas e vou embora trabalhar. (B1_C2_T2_16'25'')
Nelina lavradora: E aliás pra dizer a verdade tem que ter até aquela roupa, a roupa, ou proteção eu fiz até o curso, mas eu não tinha dinheiro pra comprar essa roupa . (B1_C2_T2_22'23'')
Erenil (ex-lavrador): Aí eu botei o veneno no copo e tomei . (B1_C2_T2_27'38'')
Oncologista Nivaldo Kiister: se for necessário use, mas, dentro daquilo que é permitido dentro daquilo que é permitido para o bem-estar da população . (B2_C2_T2_5'22'')
Jornalista especializado – Nicholas Vittal: Hoje o debate é muito desequilibrado as pessoas têm uma imagem muito ruim dos agrotóxicos. E acabam demonizando um produto que é fundamental para agricultura brasileira. (B2_C2_T2_3'59'')
Off do repórter: em um ponto todos concordam, os agrotóxicos em si não são o maior problema o grande perigo é o mal-uso deles . (B2_C2_T2_5'02'')
Jornalista especializado – Nicholas Vittal: E esse problema é causado pelo uso incorreto decorrente da falta de educação básica que a gente tem no Brasil. (B2_C2_T2_10'23'')
João Paulo Auler – superintendente do albergue: Gente que não intencionalmente, mas inconscientemente acabaram produzindo a sua própria doença . (B2_C2_T2_11'02'')

Fonte: Dados da pesquisa

É possível compreender o momento que o programa Câmera Record indica que o agrotóxico não é o problema, o foco dessa vez é identificar que o problema é o modo como o agrotóxico é usado. A reportagem indica para o telespectador os danos ocasionados à saúde dos ex-lavradores devido ao manuseio do agrotóxico. Nestes dois trechos da reportagem (B1_C2_T2_13'15'') e (B1_C2_T2_06'43'') com questionamentos e relatos da rotina de Lucineia, a reportagem evidenciou que não era utilizado nenhum tipo de proteção na hora em que a lavradora trabalhava na lavoura, pois ela caminhava descalça pela plantação sem usar nenhum tipo de proteção. Levando o público a concluir que a falta de proteção se não é o maior, é um dos principais responsáveis pelas situações enfrentadas. Deixando claro que as atitudes imprudentes de Lucineia causaria situações agravantes.

Dessa vez, como é possível observar nas unidades de registro selecionadas (B1_C2_T2_16'25'') e (B1_C2_T2_22'23'') foi enfatizado que nem os ex-lavradores Everaldo e Nelina tinham como hábito a utilização do equipamento de proteção. Everaldo, inclusive, no passado nunca usou nenhum tipo de proteção. Na unidade de registro, no trecho em que o entrevistado afirma que tomou o veneno, fica claro que a reportagem do Câmera Record sempre chama atenção para este detalhe, que o problema novamente é a forma errada da utilização do produto. Visto isso nessa unidade de registro (B1_C2_T2_27'38'') também através da imagem exposta para o telespectador com o rótulo deste produto, mostrando que as vítimas deveriam ter cuidado, pois este produto é perigoso. Durante esta análise percebeu-se a tentativa de mostrar o problema

da vítima, porém, fica evidente que a própria vítima ocasionou o drama vivido.

As unidades de registros (B2_C2_T2_5'22'') e (B2_C2_T2_3'59'') mostram ao telespectador uma imagem branda do agrotóxico e afirmam que é um produto fundamental para o desenvolvimento da agricultura. Nestas unidades de registros fica claro a posição de comum acordo de todos os especialistas e a posição da reportagem em evidenciar apenas com opiniões a favor do uso correto do agrotóxico. O destaque destas unidades de registro sempre se deu para a falta de conscientização do uso deste produto, ficando esclarecido para o público que o problema é apenas o uso errado da substância, e não o modelo agrícola da revolução verde.

Os especialistas defenderam os agrotóxicos para a agricultura mostrando os como um produto fundamental, ficando clara a tentativa de convencer que o veneno não é um vilão e sim um salvador da agricultura brasileira. Levando o telespectador a repensar as ideias já formadas no início do programa. A seguir é possível perceber mais uma vez, a partir da seleção de fontes escolhidas, evidenciando que o vilão não é o produto químico, e sim os próprios lavradores são os responsáveis pelo drama vivido. A tese defendida pelo programa é que o agrotóxico não é o principal causador de problemas, ficando evidente que a proposta estabelecida para convencer o público é a da falta de proteção na utilização do agrotóxico.

Como pode ser visto nas unidades de registro (B2_C2_T2_11'02''), (B2_C2_T2_5'02'') e (B2_C2_T2_10'23''), as fontes especializadas concordam que o grande perigo é o uso errado dos produtos químicos, e que a solução é tomar cuidados especiais na sua utilização. O alerta também é feito em relação à falta de educação básica, ou seja, faltaram instruções a estes lavradores e por estes motivos de alguma forma acabaram produzindo sua própria doença. Novamente existe a tentativa do convencimento do telespectador, reforçando a ideia que as vítimas do agrotóxico não deixaram de ser vítimas, porém foram elas mesmas quem ocasionaram o drama vivido.

Considerações Finais

A partir das categorias analisadas, este artigo constatou o predomínio do sensacionalismo e a indicação para o público que de forma geral o agrotóxico não é o vilão, e, apesar do caráter de denúncia, acabou mostrando de forma branda o real perigo do agrotóxico. A reportagem abordou apenas uma parte dos fatos, tentando de alguma forma trazer para as vítimas a culpa da situação vivida por elas. Compreende-se a tentativa de induzir o pensamento do telespectador para o verdadeiro culpado desta

situação. Além de mostrar que o culpado pelas intoxicações é o agricultor, e nunca a indústria, o programa omitiu a existência da agroecologia e de outros tipos de práticas agrícolas que não utilizam agrotóxicos.

Percebe-se que no começo da grande reportagem o repórter estava agindo como agente fiscalizador, o que, para Delg’Iespoti (2009), é o papel do repórter em uma cobertura seja qual for. Mas essa postura foi deixada para segundo plano quando se iniciou a procura por um culpado, culpa esta atribuída unicamente às vítimas, e não mais ao agrotóxico ou à indústria que o vende de qualquer maneira. O que foi sugerido na manchete do programa – Agrotóxico, o perigo invisível – nunca foi revelado, pois o verdadeiro perigo é o modelo agrícola baseado em agrotóxicos.

O programa foi indicando o produto químico como o grande culpado no início da reportagem, e de forma minuciosa foi trazendo a ideia para os telespectadores que o grande problema não era o agrotóxico. Tendo isso em vista, conclui-se a partir da análise que o Câmera Record faz uso de um jornalismo sensacionalista e parcial, apesar de apresentar conteúdos relacionados ao tema previsto preza pela cultura dos agrotóxicos, uma vez que não deu voz a cultura da agroecologia e, portanto, não fez jornalismo ambiental.

Referências bibliográficas

ABRASCO. **Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde.** / Fernando Ferreira Carneiro (Org.). Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015. 628p.

ARAÚJO, Gilvan Ferreira de. **Telejornalismo:** da história às técnicas. Curitiba: InterSaberes, 2017. 274p.

BELMONTE, Roberto Villar. **História do jornalismo ambiental brasileiro.** In: ALCAR, 10., 2015, Porto Alegre, *Encontro Nacional de História da Mídia*. Porto Alegre, 2015. p. 1-15. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-do-jornalismo/historia-do-jornalismo-ambiental-brasileiro/at_download/file>. Acesso em: 15 mai. 2018.

BUENO, Wilson da Costa (Org.). **Comunicação Empresarial e Sustentabilidade.** Barueri: Manoele, 2015.

CAVALCANTI, Clóvis. **Uma tentativa de caracterização da economia ecológica.** *Ambiente & Sociedade*. vol. VII. n. 1. jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v7n1/23541.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.

COSTA, Ana Maria; RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon; LOBATO, Lenaura de Vasconcelos Costa. **A questão dos agrotóxicos rompe os limites da ética da preservação da saúde e da vida.** *Saúde Debate*: Rio de Janeiro, v. 42, n. 117, p. 346-353, abr./jun., 2018.

DEGL'IESPOSTI, Júlio César. **A grande-reportagem na televisão brasileira:** Um estudo do Globo Rural. 209 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-graduação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/A-grande-reportagem-na-televis%C3%A3o-brasileira.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

EMBRAPA. **Agricultura alternativa:** quem é seu herdeiro? *Embrapa (Hortaliças)*, abr. 2014. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/hortaliças/busca-de-noticias/-/noticia/2015315/agricultura-alternativa-quem-e-seu-herdeiro>>. Acesso em: 20 set. 2018.

FANZERES, Andreia de Matos Peixoto. **Rotinas produtivas sobre meio ambiente e perspectivas do jornalismo ambiental no Brasil.** 2004. 114 f. Monografia (Graduação em Comunicação – Habilitação Jornalismo). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/919>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística.** 2005. Disponível em: <<http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2018.

LOPES, Maria Elizabete Barreto de Menezes; ALMEIDA JÚNIOR, Antônio Ribeiro de. **Análise dos agrotóxicos na mídia.** Associação Nacional de PÓS-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 2010. 20p. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT10-93-75-20080508111339.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

PAIVA, Raquel Lucena. **Entre a Ciência e a Mídia, um olhar sobre a (re)significação do conceito de agroecologia.** 2018. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Vitória, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/9903/1/tese_11897_Raquel%20Lucena%20Paiva%20Vers%C3%A3o%20Final.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

PERES, Frederico; MOREIRA, Josino Costa; DUBOIS, Gaetan Serge. Agrotóxicos, saúde e ambiente: uma introdução ao tema. In: PERES, F., and MOREIRA, JC., orgs. **É veneno ou é remédio?:** agrotóxicos, saúde e ambiente. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 21-41.

SANTOS, Giovana Silveira; SANTOS, Vanessa Matos. **Nem tudo é o que parece:** entre o documentário e a reportagem televisiva no caso da Boate Kiss. *Revista GEMInIS*, São Carlos, UFSCar, v. 8, n. 3, pp.150-167, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/304>>. Acesso em: 25 set. 2018.